

A escrita política de Bartolomeu Campos de Queirós

Guilherme Semionato

RESUMO: Este texto comentará quatro livros de Bartolomeu Campos de Queirós que julgamos pertencer ao eixo social-político da produção literária do autor. A primeira parte será centrada em *Correspondência* (1986) e *Apontamentos* (1988); a segunda, em *Onde tem bruxa tem fada...* (1979) e *Mais com mais dá menos* (2002).

Palavras-chave: Bartolomeu Campos de Queirós. Política. Crítica social.

ABSTRACT: This brief essay will comment on four books written by Bartolomeu Campos de Queirós that we believe belong to the social-political axis of the author's literary production. The first part will focus on *Correspondência* [Correspondence] (1986) and *Apontamentos* [Notes] (1988); the latter, on *Onde tem bruxa tem fada...* [Where There's a Witch There's a Fairy] (1979) and *Mais com mais dá menos* [More Plus More Equals Less] (2002).

Keywords: Bartolomeu Campos de Queirós. Politics. Social criticism.

Ao longo do estudo da obra de Bartolomeu Campos de Queirós, o grupo de pesquisa LeLiS (Leitura, Literatura e Saúde) identificou quatro eixos sobre os quais a obra do autor se sustenta. Chamamos o primeiro deles de jogos de linguagem, do qual fazem parte seus livros de poesia para a primeira infância (mas não só). O segundo é o eixo existencial, no qual encontramos seus livros de cunho memorialista/autobiográfico, que são alguns dos mais admirados do escritor, e seus textos de prosa poética sem caráter autobiográfico. O terceiro é o eixo não ficção/ensaístico, com obras que teorizam sobre a leitura e a escrita.

O quarto eixo da literatura de Bartolomeu é o social-político; nesses livros, o autor apresenta a seus leitores e leitoras uma miríade de possibilidades de enxergar o mundo criticamente. Para este texto, foram escolhidos quatro trabalhos *do autor*: *Correspondência* (1986), *Apontamentos* (1988), *Onde tem bruxa tem fada...* (1979) e *Mais com mais dá menos* (2002).

Correspondência é um livro encomendado a Bartolomeu na época das Diretas Já e da Assembleia Nacional Constituinte. A epígrafe do livro é apta: “as palavras sabem mais longe”. As cartas escritas por Bartolomeu munem as palavras de força e de um poder transformador para inaugurar um novo Brasil; já Angela-Lago, por meio de seus desenhos no rodapé das páginas duplas, leva cada uma delas – de canoa, de trem, de bicicleta, de jangada – a to-

dos os cantos do país, singrando ilhotas, vilarejos, grandes cidades. Há mais de trinta anos, autor e ilustradora sonharam com um país *correspondido*, um país em que “todos nós vamos receber uma carta” (QUEIRÓS, 1986, n.p.).

Na própria capa, o leitor recebe seu convite para participar da ciranda. É um envelope selado, carimbado e datado (ano de 1986), sem remetente e destinatário; um envelope em branco para que nós preenchamos. Sem sabermos ao certo o que temos em mãos, abrimos o livro e vemos que se trata de uma compilação de oito cartas. Ana escreve a Mateus, que escreve à Maria, que escreve a Marcos, que escreve à Marta, que escreve a Lucas, que escreve à Sara, que escreve a João, que escreve à mesma Ana que deu início a essa correspondência.

Nessas cartas, há promessas de um novo Brasil. Palavras que acordam (como livre, paz, respeito, entre outras) e palavras que precisam dormir (fome, opressão, violência). Há também silêncios entre as palavras, espaços reservados para lermos o coração livre das pessoas. A ação e o empenho coexistem com o anseio e a utopia; as palavras, afinal, moram acordadas nos sonhos dos brasileiros atentos – até o momento em que viverão entre nós, na vindoura Constituição, que há de reger a vida da nação.

Nos desenhos das páginas finais de *Correspondência*, vemos que o jardim de Ana floresceu: as cartas se multiplicaram e agora são depositadas em urnas como se

fossem votos. As cartas de cada um, somadas, formam a ansiada Carta Maior, representada por uma imensa bandeira brasileira.

Apontamentos forma um díptico com *Correspondência*. Se, em *Correspondência*, o sonho de um país justo e democrático estava à espreita, porque o livro foi publicado dois anos antes da promulgação da Constituição, *Apontamentos*, publicado dois anos depois, acentua esse otimismo: a esperança aqui é uma realidade concreta; as cartas de *Correspondência* encontraram eco na Carta Maior.

As palavras sonhadas na noite escura acordam no raiar da nova manhã para formar a Constituição de 1988. Ao celebrar a Carta, texto que norteia um novo projeto de país, Bartolomeu a transforma num organismo vivo, pensante, pulsando no sertão e na cidade, nos quatro cantos do Brasil. As palavras da Carta vieram para responder à fome, à violência e à opressão. O texto de Bartolomeu, ricamente simbólico, traz todas as conotações que *palavra* pode ter: palavra pode ser uma ideia, pode ser uma arma política, pode estar carregada de silêncio, de dor, de desejo. A Carta é, sobretudo, uma resposta ao nosso anseio pela democracia e pela liberdade.

Bartolomeu pincela pontos da Constituição ao longo de sua narrativa: fala dos jovens aptos a votar aos dezesseis anos, menciona os direitos trabalhistas e a proteção garantida ao meio ambiente. Em certas passagens, há diálogos entre figuras não nomeadas – professores e alunos, pai e filho,

colegas de trabalho –, trechos didáticos em que o autor define o que é *habeas data* e mandado de injunção, por exemplo.

Na epígrafe de *Apontamentos*, Bartolomeu escreve que “por entre as palavras da lei o homem escreve sua paz” (2017, p. 5), já no *postscriptum* ele retoma essa ideia, ao dizer que as palavras devem ser vividas e colocadas em prática no dia a dia. O tom otimista permanece, mas há muito trabalho e luta pela frente, porque a paz é uma construção.

*

Agora retrocedemos uma década para falar de *Onde tem bruxa tem fada...* Esta obra carrega as principais marcas da prosa de Bartolomeu: é alegórica, poética, simbólica – e aqui há também uma dimensão política, crítica, muito forte.

Na Terra, uma fada pode tornar reais os sonhos das crianças e deixar os corações felizes com algodão-doce de nuvem e carruagem de abóbora. Maria do Céu, com o pensamento e o coração livres, não foge à luta: só se pode ser fada na Terra; ser ideia no céu de nada adianta, “é como ser homem sem corpo na Terra” (1993, p. 19). Por isso ela desce para o nosso convívio.

As crianças têm um frescor no olhar e um coração leve e receptivo, e Maria do Céu sabe que há sonhos e potenciais adormecidos em cada uma delas. Mas, enquanto ela oferece “viagens ao centro das sementes

Se não parece haver lugar para as fadas nesses tempos, decerto há muitos mágicos morando entre nós – representados por um banqueiro, um político, um industrial, um delegado etc. –, que só fabricam magias convenientes para si próprios.

para ver a árvore antes de nascer” e “ruas cobertas de música para o caminho ser canção” (1993, p. 23), as crianças pedem para ler e escrever, pedem uma cama e uma casa. Ao realizar esses desejos essenciais, Maria do Céu oferece ferramentas para as crianças se libertarem de um mundo repleto de falsos profetas e burocratas. Para além disso, ela própria representa uma ideia, um segredo: o retorno à capacidade lúdica de sonhar, a uma visão não utilitarista e mercantilizada do mundo.

Se não parece haver lugar para as fadas nesses tempos, decerto há muitos mágicos morando entre nós – representados por um banqueiro, um político, um industrial, um delegado etc. –, que só fabricam magias convenientes para si próprios. Nesse mundo artificial, repressivo e sistemático, os mágicos enchem o coração das crianças de esperanças, de desejos que não estão vinculados ao imaginário, mas sim ao poder, ao dinheiro, ao consumo desenfreado. A esperança entorpece o coração das crianças, essa espera vã e esvaziada por bens materiais, não por coisas singelas, encantadas, que alegrem o espírito.

Após ser presa, virar vaga-lume e escapar pelas grades, Maria do Céu visita os sonhos das crianças, narrativas às quais elas

se entregam sem reservas. Lá, nota que todos sonham com cidades em que a fantasia é possível e necessária. Cidades sem mágicos charlatões, mas com fadas. Sem magias espúrias, mas repletas de encantamentos.

Antes de ir embora, Maria do Céu deixa um presente às crianças. Ela lhes mostra que seus desejos existem e podem ser realizados intimamente, e o segredo para conseguir isso está com elas. “No outro dia, os meninos acordaram mais donos do segredo” (1993, p. 33), escreve Bartolomeu. Ser mais dono do segredo é, afinal, ser mais dono de si.

A crítica a uma sociedade desigual é ainda mais forte em *Mais com mais dá menos*, livro publicado em 2002. Nessa história, um menino egoísta, voraz e materialista cresce e se faz num mundo que deixaria Maria do Céu ainda mais perplexa. Seu espírito empreendedor é recompensado por todos à sua volta: seus pais admiram a ambição do filho e seu desejo de poder, e mesmo a escola onde ele estuda o tem como exemplo a ser seguido. Seu tino para os negócios e para fazer dinheiro é reverenciado por todos e, com o passar dos anos, ele de fato se torna o dono de todo um sistema de produção. O menino, jamais nomeado, é o verdadeiro capitalismo personificado.

Em *Onde tem bruxa tem fada...*, as crianças que Maria do Céu encontra vivem num mundo entorpecido e não conseguem sonhar nem identificar seus próprios desejos. Mas o menino de *Mais com mais dá menos* sonha com a clareza de mil sóis e sabe exatamente o que quer ser: banqueiro, industrial, empresário, político, ou tudo isso junto, quer, enfim, ser um dos tais mágicos que prendem Maria do Céu. O espírito crítico e a fantasia que ela liberta nas crianças são um perigo para o sistema, já que fogem da conveniência, da burocracia, do maniqueísmo e da esfera do capital – eis o território onde o menino se refestela.

Bartolomeu reinventa as palavras em *Correspondência e Apontamentos*, livros que colocam a palavra no centro da vida política e social do país, a partir da expectativa gerada pela Constituição de 1988. Em *Onde tem bruxa tem fada...*, a conotação negativa que o autor dá a palavras que nos são tão queridas (caso de “mágica”, “mágico” e “esperança”), afastando-as de seu sentido usual, é particularmente interessante. Em *Mais com mais dá menos*, as palavras representam aquilo que são mesmo: o menino detesta palavras longas como “generosidade” e “solidariedade” e adora palavras curtas como “eu”, “ter”, “mais”, “real” e “dólar”. A crítica é de uma contundência tal que faz prescindir qualquer sutileza e nuance, e o resultado é um livro opressivo e hostil – como convém ao protagonista –, e talvez mais forte por causa disso.

Dos quatro livros mencionados, *Apontamentos* foi incluído no Clube de Leitura ODS; os outros três citados aqui também poderiam ser relacionados ao mesmo objetivo, o de número 16, intitulado “Paz, justiça e instituições eficazes”, que tem como meta “promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, n.p.). A ONU se dirige às nações, a cada Estado, mas Bartolomeu fala com cada um de seus leitores.

Em uma carta, Bartolomeu escreveu que “no texto literário autor e leitor se somam e uma terceira obra, que jamais será editada, se manifesta”. É essa “manifestação”, a tal “terceira obra”, que caracteriza Bartolomeu como um autor visionário e idealista. Em *Correspondência e Apontamentos*, ele deposita, para além da responsabilidade, uma grande confiança na sociedade civil, deixando claro que ela pode se organizar, que pode se reconstruir e se reestruturar de forma diversa. Já *Onde tem bruxa tem fada...* e *Mais com mais dá menos* escancaram a mercantilização do homem e dos seus sentimentos e a inércia da população explorada, mas a confiança de que as coisas podem ser diferentes, de que temos um potencial para a grandeza, ainda está lá. Defender a leitura literária, fazer literatura, lutar por um Brasil que lê, se isso não é visionário, o que seria?

REFERÊNCIAS

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Apontamentos**. Ilustrações de Mauricio Negro. 2. ed. São Paulo: Global, 2017.

_____. [Carta]. Destinatário: pessoas que assinaram o Manifesto por um Brasil Literário. Disponível em: <<http://contoscantoseencantos.blogspot.com/2009/12/carta-do-escritor-bartolomeu-campos-de.html>>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

_____. **Correspondência**. Ilustrações de Angela Lago. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais; Ed. Miguilim, 1986.

_____. **Mais com mais dá menos**. Ilustrações de Carti. Belo Horizonte: RHJ Livros, 2002.

_____. **Onde tem bruxa tem fada...** Ilustrações de Mario Cafiero. São Paulo: Moderna, 1993.

SOBRE O AUTOR:

Guilherme Semionato escreve histórias para crianças, jovens e quem mais quiser ler. É formado em Comunicação Social pela

Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem especialização em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense. Além da escrita, da pesquisa e da leitura, trabalha como tradutor e consultor editorial, trazendo livros estrangeiros para o Brasil.